

A adequação linguística como instrumento de inclusão na educação de jovens e adultos
Language adequacy as an inclusion instrument in youth and adult education
Aptitud del lenguaje como instrumento de inclusión en la educación de jóvenes y adultos

Recebido: 11/10/2020 | Revisado: 12/10/2020 | Aceito: 14/10/2020 | Publicado: 16/10/2020

Vinícius Silveira Borba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3766-2684>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, Brasil

E-mail: viniciusborba@acad.charqueadas.ifsul.edu.br

Resumo

Este estudo tem como objetivo contribuir com as discussões que envolvem a educação de jovens e adultos, realizada com os cursos vinculados ao Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na Modalidade de Jovens e Adultos (PROEJA). O presente texto é um relato de experiência que descreve procedimentos e encaminhamentos que contribuíram de forma relevante para o tema da inclusão do adulto no espaço escolar, a partir do conhecimento linguístico. No atual cenário da sociedade, o professor volta a ganhar visibilidade, atribuindo-se ao profissional não somente a responsabilidade pela promoção de aprendizagens, mas também o papel de um dos protagonistas das mudanças esperadas pela sociedade na atualidade. Neste sentido, o relato apresenta o estudo de caso do Curso Técnico Integrado em Desenho de Construção Civil ofertado pelo IFSul - Campus Charqueadas, onde em um método indutivo, foram analisados dados coletados através de consultas em produções acadêmicas, avaliações e procedimentos didáticos. Relações foram estabelecidas entre as conclusões obtidas e as afirmações feitas por teóricos da área da educação. No tocante ao aprendizado linguístico foi observado que a discrepância entre a linguagem empregada pelos locutores e ouvintes em sala de aula interfere na compreensão do conteúdo, prejudicando não só a aprendizagem, mas também e a sensação de pertencimento do estudante no espaço acadêmico.

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos; Metodologias de ensino; Linguística.

Abstract

This study aims to contribute to the discussions involving young people and adults' education, carried out with courses linked to the National Program for the Integration of Professional Education with Basic Education, in the Youth and Adult Program (PROEJA). This paper is an experience report that describes procedures and referrals that have contributed in a relevant way to the theme of inclusion of adults in the school space, based on linguistic knowledge. In the current scenario of society, the teacher gains visibility again, attributing to this professional not only the responsibility for promoting learning, but also the role of one of the main protagonists of the changes expected by society today. In this sense, the report presents the case study of the Integrated Technical Class in Civil Construction Design offered by IFSul - Campus Charqueadas, where in an inductive method, the data collected through observations, consultations in academic productions and evaluations of didactic procedures were analyzed. Relationships were established between the conclusions obtained and the statements made by educational theorists. Regarding linguistic learning, it was observed that the discrepancy between the language used by the speakers and listeners in the classroom interferes with the understanding of the content, impairing not only learning, but also and the student's sense of belonging in the academic space.

Keywords: Youth and adult education; Teaching methodologies; Linguistics.

Resumen

Esta investigación tiene como objetivo contribuir a las discusiones que involucran la educación de jóvenes y adultos, realizadas con los cursos vinculados al Programa Nacional de Integração da Educação Profissional em a Educação Básica, na Modalidade de Jovens e Adultos (PROEJA). El presente texto es em relato de experiencia que describe procedimientos y pautas que contribuyeron de manera relevante a la temática de la inclusión de adultos em el espacio escolar, a partir del conocimiento lingüístico. Em el escenario actual de la sociedad, el docente vuelve a ganar visibilidad, atribuyéndose al profesional no solo la responsabilidad de la promoción del aprendizaje, sino también el papel de uno de los principales protagonistas de los cambios que espera la sociedad actualmente. Em este sentido, el informe presenta el caso de estudio del Curso Técnico Integrado em Desenho de Construção Civil ofrecido por IFSul - Campus Charqueadas, donde de forma inductiva se analizaron datos recolectados a través de consultas em producciones académicas, evaluaciones y procedimientos didácticos. Se establecieron relaciones entre las conclusiones obtenidas y las afirmaciones de teóricos de educación. Em respecto al aprendizaje lingüístico,

se observó que la discrepancia entre el lenguaje utilizado por los hablantes y los oyentes em el aula interfiere em la comprensión del contenido, perjudicando no solo el aprendizaje, sino también el sentimiento de pertenencia del alumno em el espacio académico.

Palabras clave: Educación de jóvenes y adultos; Metodologías de enseñanza; Lingüística.

1. Introdução

No atual cenário da sociedade o professor volta a ganhar visibilidade, atribuindo-se a ele não somente a responsabilidade pela promoção de aprendizagens, mas também o papel de um dos protagonistas das mudanças esperadas pela sociedade na atualidade (Nóvoa, 2009). Um dos caminhos para contribuir para o desenvolvimento social é a pesquisa, um fazer que se encontra na natureza da prática docente. Paulo Freire entende que a indagação e a busca são ações inerentes ao processo de ensino e não somente da pesquisa, defende que o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador (Freire, 1996). Assim, a sala de aula torna-se um laboratório onde, a partir de observações e de sistematização de ações torna-se possível construir conhecimento que visam a implantação e o fortalecimento de políticas educacionais, propostas curriculares, melhorias em metodologias de ensino e inovações nas demais áreas da ciência da educação.

No Brasil, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino prevista por lei¹ que implica um modo próprio de fazer a educação, onde as características dos sujeitos jovens e adultos, seus saberes e experiências do estar no mundo, são guias para a formulação de propostas curriculares de atendimento (Cury, 2019). Tal premissa permeia as ações do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na Modalidade de Jovens e Adultos (PROEJA), que inclui o ensino profissional à educação de jovens e adultos através da prática do ensino integral.

Os estudantes desta modalidade de ensino possuem além da trajetória escolar descontínua, outros enfrentamentos de cunho social a serem superados. Eles carregam trajetórias perversas de exclusão social, vivenciam trajetórias de negação dos direitos mais básicos à vida, ao afeto, à alimentação, à moradia, ao trabalho e à sobrevivência (Arroyo, 2004). Diante deste contexto, de retorno aos estudos, adentrar no ambiente da escola e da sala de aula torna-se um desafio que pode ser facilitado se os jovens e adultos encontrarem sinais de familiaridade no ambiente acadêmico e nas suas interlocuções.

¹ Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) Lei Federal Nº 9.394 de 1996.

A problemática que trata este texto surgiu a partir da análise do resultado de uma atividade produzida por estudantes de um curso de nível técnico integrado, de nível médio, em Desenho de Construção Civil. Os alunos tinham como objetivo a elaboração de um glossário de termos técnico da arquitetura, através do registro de palavras, cujo significado fosse desconhecido, mencionadas durante as aulas ou através de termos encontrados no material didático da disciplina. Contudo, foram registrados nos glossários não somente termos específicos da área técnica do curso, mas também uma série de palavras de uso geral da língua portuguesa, desencadeando reflexões sobre a adequação da linguagem em sala de aula e sua possível influência no, no aprendizado e sentimento de pertencimento ao espaço escolar, por parte do estudante jovem e adulto.

Pertencer constitui dividir características, vivências e experiências com outros membros de uma comunidade ou local, desenvolvendo sentimento de pertença. Isto é possível quando os sujeitos desenvolvem, neste local, valores atrelados aos seus sentimentos e à sua identidade cultural e simbólica, recriando o espaço onde vive ao qual se identificam e se sentem pertencer (Raffestin, 1993). Torna-se um fator importante que impacta na permanência e êxito, pois os estudantes que se identificam com um determinado ambiente, se sentem capacitados a buscar soluções dentro de um mundo tão complexo marcado pelas intolerâncias culturais, religiosas e conflitos socioambientais (Silva, 2018).

No Brasil, buscou-se a uniformidade linguística, por muito tempo tudo o que fugia da gramática normativa era considerado erro. O objetivo era fazer com que a fala fosse transcrição fiel da escrita na norma padrão (Orlandi, 2001). Atualmente, o foco não está mais no conceito de certo e errado, mas no de adequado e inadequado, porque se entende que o processo de interação comunicativa não é homogêneo, logo haverá níveis de linguagens e falas que podem ser classificadas como culta para situações formais e níveis de linguagens e falas coloquiais, populares ou informais (Neves, 2011).

Alguns autores (Cunha & Cintra, 1985; Rosenstock, 2002; Lima, 2003) definem a linguagem como um fenômeno humano relacionada com práticas sociais, podendo ser classificada como geral e específica, esta fazendo referência à linguagem técnica de determinadas profissões e a outra, a geral, que se refere ao senso comum de um grupo maior. Ainda, a linguagem pode ser classificada como vernacular, que é adquirida progressivamente pela interação com as pessoas que expressam o que pensam e a língua materna inculcada, que é adquirida através de pessoas contratadas para falar conosco e por nós (Larrosa, 2018).

A partir do pressuposto de que na língua portuguesa não há certo ou errado e sim níveis de linguagem a serem observados, cabe ao comunicador adequar a sua fala ao nível

desejado ou necessário. Vários fatores podem ser considerados neste processo de adequação linguística, o ambiente, o assunto, a interação desejada e os interlocutores. O objetivo de toda comunicação é a busca pelo sentido, ou seja, precisa haver entendimento, caso contrário, não é possível dizer que houve comunicação. Por isso, considerar o interlocutor é fundamental e este artigo aborda a interação entre emissor e receptor durante processo de ensino de jovens e adultos.

Sendo assim, a partir do tema da adequação linguística, tendo como hipótese suas possíveis influências no sentimento de pertencimento ao espaço escolar por parte do estudante, este estudo tem como objetivo contribuir com as discussões que envolvem a educação de jovens e adultos, realizada com os cursos vinculados ao PROEJA, a partir da reflexão acerca de uma abordagem linguística que contribua para o processo de inclusão deste público específico no ambiente educacional.

2. Metodologia

O presente texto é um relato de experiência que descreve precisamente uma dada prática que possa contribuir de forma relevante para sua área de atuação, através da documentação de experiências humanas vivenciadas (Arcoverde, 2007). O relato apresenta o estudo de caso do Curso Técnico Integrado em Desenho de Construção Civil, de nível médio, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense IF Sul - Campus Charqueadas. Através de um método indutivo, onde observa-se fenômenos, descobre-se relações entre eles e generaliza-se tais relações (Marconi & Lakatos, 2020), foram analisados dados coletados em uma pesquisa documental feita através de consultas em produções acadêmicas, diários de aula e avaliações de procedimentos didáticos. Relações foram estabelecidas entre as conclusões obtidas e as afirmações feitas por teóricos da área da educação.

Os dados foram coletados durante a disciplina de Representação Gráfica da Construção Civil, ministrada no terceiro semestre, que tinha como objetivo capacitar o estudante a realizar leituras dos desenhos que envolvem as obras de arquitetura e engenharias. Cada um dos treze estudantes (06 do sexo feminino e 07 do sexo masculino) elaborava seu próprio glossário em sala de aula, como um procedimento didático pessoal e rotineiro. O glossário tinha como objetivo ampliar o repertório de termos técnico relacionados ao desenho de construção civil e arquitetura.

A partir da análise das anotações feitas pelos estudantes em seus glossários e diários, as palavras anotadas foram classificadas em termos da linguagem técnica e termos da linguagem geral e tabuladas em uma planilha do Excel, registrando a existência da palavra sem quantificar a repetição das incidências. Como critério de classificação, adotou-se a consulta em três obras de referência na definição de termos técnicos de arquitetura: o Dicionário Visual de Arquitetura e Técnicas de Construção Ilustrada, ambas do autor Francis Ching, que ilustram os termos fundamentais relacionados ao projeto, história e tecnologia arquitetônicos desde 1995 (Ching, 2010) e a obra intitulada Uma Linguagem de Padrões, de Christopher Alexander, publicada originalmente em 1977 com o objetivo de definir termos técnicos da área de arquitetura, urbanismo e construções (Alexander, 2013).

Além da pesquisa documental realizada tendo como objeto a produção acadêmica, foram realizadas entrevistas não estruturadas para explorar amplamente as possíveis relações entre a abordagem linguística docente e o impacto na sensação de pertencimento e acolhimento do estudante. A partir das questões sobre o tema, o respondente informa suas atitudes, valores e comportamentos em relação aos desencadeamentos vivenciados (Sommer & Sommer, 1997). A partir dos procedimentos descritos obteve-se os resultados a seguir apresentados e discutidos a partir da literatura sobre a temática abordada.

3. Resultados Obtidos no Estudo de Caso do Curso de Desenho de Construção Civil - PROEJA

Os estudantes do Curso Técnico Integrado em Desenho de Construção Civil, modalidade PROEJA, elaboraram glossários individuais com palavras as quais não sabiam o significado da língua portuguesa, citadas durante as aulas ou extraídas do material didático da disciplina de Representação Gráfica. A partir da coleta e análise dos dados, as expressões foram classificadas em: Termos da Linguagem Técnica da Arquitetura ou Termos de Uso Geral da Língua Portuguesa. Dentre os termos registrados pelos estudantes, 50,92% (55 de 108) foram classificadas como termos técnicos da arquitetura e 49,08% (53 de 108) foram classificadas como termos de uso geral da língua portuguesa. As expressões estão classificadas e apresentadas em ordem alfabética no quadro abaixo (Quadro 1).

Quadro 1. Classificação dos termos da língua portuguesa coletados através da análise dos glossários elaborados por estudantes do PROEJA.

Termos da Linguagem Técnica da Arquitetura	Termos de Uso Geral da Língua Portuguesa Geral.
Abóbadas, abcissa, alicerce, arrimo, azimute, baldrame, barrotes, batente, betume, calefação, chaveta, cisalhamento, cimalha, concreto protendido, conduíte, contraforte, contraventamento, cúpula, diagonal, drenagem, emboço, empena, escória, espigão, esteio, fiada, flange, gabarito de obra, gabiões, geodésicos, granulometria, graute, impermeabilização, lençol freático, longarina, lúmen, mastique, nicho, ortogonal, pé-direito, peitoris, perímetro, prumo, radier, reentrância, reverberação, rufo, stain, topografia, treliça, tubulões, urbano, vestíbulo, zênite.	Acerca, abordar, adjacente, ambiguidade, aquém, atenuante, averiguar, circundante, cláusula, coeso, cognitivo, colapso, colinear, compilar, consiste, condicionar, contudo, correlato, delinear, diretrizes, equidistante, factível, idôneo, ilustração, imbricado, implícito, incremento, incidência, íngremes, insalubre, instituído, intempérie, intrínseco, justapor, lineares, lúdico, munido, parâmetro, paulatinamente, pedante, porventura, precipitação, práxis, prover, recíproco, reiterar, sistematicamente, subsídio, sumidade, unilateral, velar, veracidade, volátil.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir da tomada de consciência de que nos glossários elaborados, além dos termos técnicos, também apareciam termos formais da língua portuguesa, partiu-se para a busca de possíveis causas e efeitos para o fenômeno através de entrevistas individuais e debates coletivos em sala de aula. Através das respostas dos estudantes, foi detectada uma discrepância entre as linguagens empregadas pelos locutores e a linguagem dos ouvintes.

Ao serem inquiridos sobre os critérios utilizados para a inserção do termo no glossário, 09 entre 13 estudantes (69%) afirmaram entender que todas as palavras de seus glossários eram termos técnicos de arquitetura, partindo do pressuposto de que termo técnico é aquele o qual se desconhece. O restante dos entrevistados, 04 de 13 estudantes (31%) afirmaram que tinham consciência de que nem todas as palavras eram termos técnicos de arquitetura, porém incluíram as palavras na lista para pesquisar seu significado posteriormente.

No tocante ao sentimento de pertencimento ao espaço escolar, 06 entre 13 estudantes (46,15%) afirmaram que a linguagem não familiar fazia com que não se sentissem pertencentes ao espaço da escola. Outros 06 estudantes afirmaram que entendiam que a busca pela compreensão dos termos desconhecidos existentes nas falas dos professores fazia parte do desafio e que tal fato não causava o sentimento de não pertencer ao lugar de estudo. Ainda, 01 entre 13 estudantes não soube responder.

Ao serem falarem se em algum momento do curso a dificuldade de compreensão da linguagem fez com que pensasse em desistir do curso, 10 entre 13 estudantes (76,92%) afirmaram que sim, todos durante o primeiro semestre e 03 entre 13 estudantes (23,08%) afirmaram que nunca pensaram em desistir pelo motivo da diferença de abordagem linguística.

Por fim, 11 de 13 estudantes (84,61%) afirmaram que uma linguagem mais próxima do cotidiano do aluno poderia contribuir para uma melhor compreensão do conteúdo técnico e consequente interação em sala de aula e 02 de 13 estudantes (16,39%) entendem que a linguagem formal utilizada é um ganho para a absorção de um maior conhecimento. Por fim, buscou-se explicação acerca dos fenômenos revelados nos resultados obtidos neste estudo de caso através da literatura sobre o tema da adequação linguística e educação.

4. Discussão Acerca da Linguagem e Sentimento de Pertencimento ao Espaço Escolar por parte do Estudante Jovem e Adulto

Um professor não busca resultados, mas provoca efeitos, os quais são imprevisíveis e inesperados (Larrosa, 2018). Foi assim com a proposta de elaboração de um glossário de termos técnicos de arquitetura, onde foi observado que a discrepância entre a linguagem praticada entre os interlocutores de sala de aula interfere na compreensão do conteúdo, prejudicando a aprendizagem e a sensação de pertencimento, por parte dos estudantes jovens e adultos. Partindo do pressuposto de que o professor não pode deixar de se referir a livros e indicar bibliografias, é preciso desenvolver alternativas que busquem minimizar o impacto do emprego de diferentes níveis de linguagens no ambiente escolar, sobretudo para os estudantes do PROEJA.

Os jovens e adultos contemplados com a trilha da formação humana integral devem se apropriar através de uma prática pedagógica que os levem a conhecer e utilizar as formas contemporâneas de linguagem, com vistas ao exercício da cidadania e à preparação para o trabalho (Moura, 2007). Contudo, o caminho da formação humana integral deve ser trilhado com a compreensão de que homens e mulheres são seres históricos e vivem outras realidades.

Os dados apontam para o fato de que o uso de termos formais tornou-se um agravante na busca pela compreensão de conceitos técnicos. Ler, articular e interpretar símbolos e códigos de diferentes linguagens e representações é fundamental para adquirir conhecimentos e capacidades próprias de cada curso específico. Neste sentido, o professor pode agir como um facilitador através do uso de uma linguagem não necessariamente formal,

pois a língua é em si um conjunto das variedades. Ou seja, as diferenças não são deturpações, corrupções, degradações da língua, mas são a própria língua. (Faroco, 2008).

A língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita (Bagno, 2007). E a partir da mudança na forma de comunicação, pode ser possível obter um alcance maior na compreensão de conceitos abstratos e também mais empatia por parte dos estudantes que passariam a participar mais dos diálogos, e identificarem-se mais com as situações cotidianas do ambiente escolar.

Larrosa reflete sobre como o domínio dessas linguagens especializadas se utiliza como um óbvio privilégio perante outros sem domínio das línguas legítimas e legitimadas. Enquanto a língua cotidiana em que tratam de nomear o que fazem e o que acontece com eles fica reduzida e diminuída ao ser entendida como uma língua menor, primitiva, obsoleta e, inferiorizada (Larrosa, 2018). A violência simbólica, muitas vezes, associada ao preconceito linguístico, constitui-se instrumento de opressão ou inibição (Bourdieu, 2007), afirmação que corrobora os resultados da entrevista quando revela que uma linguagem mais próxima do cotidiano do aluno poderia contribuir para uma melhor interação em sala de aula.

A respeito da garantia de voz ao educando, é importante considerar que, na perspectiva emancipatória, é preciso dar voz aos alunos, mas os estudantes precisam ir além da sua própria língua (Santos, 2012). A sua voz torna-se o meio discursivo para se fazerem ouvir e para intervirem, visando à participação e à mudança social. Ir além implica o respeito à língua falada pelos alunos, mas também a garantia do acesso à língua padrão como um direito a ser vivido como cidadão. Então, o aprendizado de outras formas e símbolos de linguagem pode ser feita através de exemplos do dia a dia dos estudantes, fazendo uso de suas próprias histórias (Borba, 2020).

Para alcançar uma maior abrangência na comunicação, é preciso substituir a linguagem falada pelos especialistas globalizados, muitas vezes transmitida verticalmente pelos professores, pela iniciação de um exercício de construção de uma linguagem compartilhada (Larossa, 2018). Neste sentido, Ivan Illich fala sobre a passagem da língua aprendida para a língua ensinada, que para ele é a linguagem vernácula que nasce, tirada do meio cultural graças ao trato com os outros, se desenvolve e se aprende em atividades compartilhadas à língua produzida e capitalizada que se ensina em instituições especializadas, e a língua ensinada é que transmite unilateralmente um fluxo de palavras (Illich, 2008).

Por fim, para construirmos uma escola cidadã, é necessário trabalhar com propostas concretas que façam da escola um espaço possível de uma prática pedagógica que considere o

senso comum como uma expressão dos saberes das classes populares e as possibilitem o acesso ao conhecimento científico (Gadotti, 1998). Então, toda a aula, embora técnica, pode ser também uma aula de língua portuguesa, um compartilhamento de significados, um constante exercício de reflexão acerca dos radicais que compõem uma determinada palavra, dando sentido e significado aos termos que, pouco a pouco, serão incorporados ao vocabulário do jovem e adulto em formação técnica.

5. Considerações Finais

O presente texto objetivou contribuir com as discussões que envolvem a educação de jovens e adultos, realizada com os cursos vinculados ao PROEJA, a partir da reflexão acerca de uma abordagem linguística que contribua para o processo de inclusão deste público específico no ambiente educacional. A hipótese de que a adequação linguística exerce influência no sentimento de pertencimento ao espaço escolar por parte do estudante foi confirmada através da coleta e análise de dados do estudo de caso descrito e através da revisão da literatura que aborda a temática da educação de jovens e adultos e da adequação linguística.

O atual estado da arte aponta para uma classificação em diferentes níveis de linguagem, sendo necessária uma adequação linguística, em detrimento da definição do que é certo e errado na fala e na escrita da língua portuguesa. O ouvinte, sua cultura e origem pertencem aos diversos fatores a serem considerados para a adequação do uso da língua. E a inadequação linguística é uma barreira que está entre o estudante e a sua compreensão do conteúdo técnico proposto.

Na prática da educação voltada para o público jovem e adulto, o fazer social e o exercício da inclusão são incorporados à práxis docente, pois o PROEJA é um programa de gestão da educação, é uma política com objetivos que ultrapassam a formação técnica e buscam a formação e a inclusão social do cidadão que se encontra muitas vezes às margens da sociedade e fora do ambiente escolar. A unidade entre a formação cultural e científica e as práticas interculturais requer dos professores uma atitude humanista aberta às diferenças, bem como a incorporação dessa relação nas organizações metodológicas (Libâneo, 2013).

Neste sentido, através do aprofundamento da análise dos dados já coletados, este estudo vislumbra a possibilidade de análise das incidências de palavras registradas repetidamente pelos estudantes para, a partir de uma abordagem quantitativa, desenvolver hipóteses acerca de termos adequados, ou não, para compor a produção de materiais didáticos

para a EJA. Ainda, propostas de atividades multidisciplinares de ensino e pesquisa podem surgir a partir da integração de disciplinas técnicas e estudo da língua, objetivando a melhoria na compreensão de ambas, por parte do estudante jovem e adulto.

O vocabulário do ofício de professor deve ser capaz de fazer com que a escola diga alguma coisa sobre o que ela é (Larrosa, 2018). Assim, evidencia-se a importância de refletir, relatar e publicar a práxis da docência para contribuir com a construção do conhecimento na área da educação de jovens e adultos e, também, para o fortalecimento desta política educacional, fundamental para o resgate da cidadania em nosso país.

Referências

Alexander, C. (2013). *Uma Linguagem de Padrões*. Porto Alegre: Bookman.

Arroyo, M. G. (2004). *Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*. Petrópolis: Vozes.

Bagno, M. (2007). *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial.

Barros, R. B. (2016). *Formação e docência de professores bacharéis na Educação Profissional e Tecnológica no IFRN: uma interface dialógica emancipatória*. Tese de doutorado. Natal: UFRN.

Brasil. LDB (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996*.

Borba, V. S. (2020). Projeto multidisciplinar no PROEJA: Relato de experiência com o curso de Desenho de Construção Civil. *I CIEPTER: I Congresso Internacional Online de Educação Profissional, Territórios e Resistências*. Recuperado de: <https://cieptergdeja.blogspot.com/p/projeto-multidisciplinar-no-proeja.html>.

Ching, F. D. K. (2010). *Dicionário Visual de Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes.

Ching, F. D. K. (2010). *Técnicas de Construção Ilustradas*. Porto Alegre: Bookman.

Bourdieu, P. (2007). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Cunha, C., Cintra, L. F. L. (2016). *Nova gramática de português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon.

Faroco, C. A. (2008). *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial.

Freire, P. (1971). *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P., Macedo, D. (1990). *Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (2016). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Gadotti, M. (1998). *Pedagogia da Práxis*. São Paulo: Cortez.

Illich, I. (2008). *La Lengua Materna Enseñad: Obras Completas*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica.

Libâneo, J. C. (2013) *Didática e Formação de Professores: complexidade e transdisciplinaridade*. Porto Alegre: Sulina.

Lima, C. H. R. (2003). *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio.

Marconi, M. A., Lakatos, E. M. (2020). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Editora Atlas S. A.

Moura, D. H. (2007). *Educação Básica e Educação Profissional e Tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração*. In: HOLOS. Natal, 2, 17.

Neves, M. H. M. (2011). *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora UNESP.

Nóvoa, A. (2009). Para uma formação de professores construída dentro da profissão. *Revista de Educacion*, n. 350. Recuperado de: http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf

Orlandi, E. P. (2001). *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez.

Raffestin, C. (1993). *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática.

Rosenstock. H. (2002). *A origem da Linguagem*. Rio de Janeiro: Record.

Santos, I. B. A. (2012). *Projetos de letramento na educação de jovens e adultos: o ensino da escrita em uma perspectiva emancipatória*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Letras, Natal.

Silva, A. S. (2019). Sentimentos de pertencimento e identidade no ambiente escolar. *Revista Brasileira De Educação Em Geografia*, 8(16), 130-141. Recuperado de <http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/535>

Sommer & Sommer. (1997). *A Pratical Guide to Behavior Research*. Tools and techniques: London.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Vinícius Silveira Borba – 100%